

Conservação de Residências de Linguagem Moderna Construídas na Década de 50

Paula Merlino Machado

Arquiteta e Urbanista, Mestranda PROARQ / FAU – UFRJ
paulamerlino@ig.com.br

Rosina Trevisan M. Ribeiro

Arquiteta, D.Sc., Prof. PROARQ / FAU – UFRJ
rosinatrevisan@superig.com.br

Por representar a consolidação de uma arquitetura moderna tipicamente brasileira, que conseguiu atingir quase todos os setores da sociedade da época, o estudo da arquitetura da década de 1950 no Brasil se mostra de grande relevância para o entendimento deste importante momento da história do país. Desta maneira, através do estudo apresentado, pretende-se diagnosticar os principais problemas de conservação encontrados nos revestimentos externos de obras residenciais construídas no período, de maneira a traçar parâmetros que permitam compreender os principais processos de deterioração nos materiais de emprego mais freqüente em função da linguagem utilizada e das condições sob as quais se encontram. A partir da análise de um dos principais exemplares da arquitetura residencial da época, a residência de Walter Salles, poderá ser feita uma comparação com os problemas encontrados em outros exemplares, construídos pela classe média carioca que utilizam a mesma linguagem. Este diagnóstico, realizado através de visitas e observação aos exemplares escolhidos de maneira a identificar os danos, comparar os resultados e entender suas causas, certamente irá contribuir para os processos de conservação, uma vez que, traçando um padrão dos principais problemas, pode-se encontrar a melhor maneira de trata-los.

Palavras-chave: Conservação, Residências, Arquitetura Moderna

Because Brazilian architecture of the 50's represents the consolidation of a typically Brazilian modern architecture that reached almost all sectors of Brazilian society of that time, its study is of paramount relevance to a better understanding of that important moment in the history of the country. This paper aims at a diagnosis of the main conservation problems found in the external coverings of the residential buildings of the aforementioned period, and a subsequent outline of parameters that will aid in the understanding of the main deterioration processes of the most frequently used materials, according to the architectural style and environmental conditions of the buildings under study. From the analysis of one of the main samples of residential architecture of the period, the Walter Salles home, a comparison will be made with middle-class buildings of the same period and same architectural style, in

order to identify these conservation problems. Such diagnoses, carried out through visits and observation of the chosen samples to identify damages, compare results and understand the damage process, can greatly contribute to the establishment of better conservation measures, once these problems can be better dealt with if a common damage pattern is identified.

Introdução

O presente trabalho foi concebido com o objetivo de diagnosticar, através da análise de exemplos ainda existentes, alguns dos principais problemas encontrados na conservação do aspecto externo de obras residenciais de linguagem moderna construídas na década de 50, período de intensa produção arquitetônica e de mudanças significativas no modo de vida da sociedade brasileira, em especial no Rio de Janeiro, então capital do país.

Diante da nova posição obtida no pós-guerra pela América Latina e em especial pelo Brasil, que perde o estigma provinciano, passando a ser visto como novo fundo de investimento para o capital estrangeiro, *a cidade do Rio de Janeiro se constitui nos anos 50 como um espaço de intensa experimentação artística, inovador e renovador*¹, modificando seus hábitos e seu consumo, incorporando o *american way of life*, resultado da crescente influência do capitalismo norte-americano. Um novo estilo de vida se populariza através da propaganda veiculada principalmente pelo rádio, revistas, cinema e, um pouco mais tarde, com a televisão², incitando o consumo de novos produtos modernos, práticos e funcionais e colocando a classe média urbana em sintonia com a vida moderna dos países desenvolvidos.

No plano social, as transformações são viabilizadas principalmente pelo surgimento de uma classe média urbana e intelectual, em sintonia com o futuro e a modernidade, que se identifica com a arquitetura moderna e a incorpora às suas residências, que sofrem uma radical mudança. No aspecto formal, há uma total libertação dos elementos decorativos tradicionais e os volumes se geometrizam, prevalecendo as composições utilizando linhas retas e planos. As telhas fabricadas com novos materiais possibilitarão menores inclinações, ocultando facilmente a cobertura por meio de platibandas, e predominam os telhados tipo

¹ CAVALCANTI, Lauro – Quando o Brasil Era Moderno: Artes Plásticas no Rio de Janeiro 1905-1960. p. 157

² Introduzida no Brasil primeiro em São Paulo, em 1950 e em seguida no Rio, em 1951, porém ainda reduzida à elite, só se popularizando a partir do final da década e principalmente nos anos 60.

borboleta. As fachadas ganham novos revestimentos, com pastilhas formando ou não mosaicos, elementos vazados, pedra, madeira, azulejos decorados e muitas, muitas cores.

Devido à grande importância de tais transformações para o estudo da arquitetura brasileira, será feita uma análise de alguns exemplos representativos de residências da época no Rio de Janeiro, ainda existentes, com o objetivo de detectar os principais problemas na conservação dos mesmos em função da linguagem e dos processos de deterioração dos materiais utilizados, inicialmente com a residência de Walter Moreira Salles, atual sede do Instituto Moreira Salles, na Gávea, para a identificação dos possíveis problemas na conservação. De posse deste resultado, será feita uma segunda pesquisa para verificar se tais resultados também se aplicam às residências de caráter moderno da época construídas pela classe média, seguida de uma comparação entre os resultados para que se possa chegar a um diagnóstico dos principais processos de deterioração nos materiais mais freqüentemente encontrados nas residências em função da linguagem moderna, de maneira a facilitar a conservação deste tipo de patrimônio.

O Caso do Instituto Moreira Salles

Construída segundo o projeto de Olavo Redig de Campos, no ano de 1951, para a residência do então embaixador Walter Moreira Salles, a atual sede do Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro, uma casa localizada no bairro da Gávea em meio à vegetação, pode ser considerada o exemplo mais luxuoso de residência de linguagem moderna construído. Seguindo um programa que exigia espaços amplos e organização adequada às inúmeras, grandiosas e freqüentes recepções a que a residência deveria abrigar, o arquiteto desenvolveu a planta ao redor de um pátio que se abre para a piscina e para o jardim de Burle Marx, onde se encontra o lago e o painel de azulejos. Cada detalhe de acabamento foi tratado com um nível de refinamento inacessível em termos econômicos à maioria das casas, em função da qualidade e riqueza dos materiais empregados (fig. 01).



Fig. 01 – Fachada e detalhe da varanda.

A visita ao Instituto, realizada graças à ajuda do arquiteto Luiz Fernando Machado, responsável pela manutenção³ da casa, permitiu que fossem verificados os principais materiais empregados na construção e os maiores problemas na sua conservação. Segundo o arquiteto, a casa permaneceu fechada por cerca de 15 anos, mas recebeu a manutenção necessária e nenhum material precisou ser substituído⁴. A obra para a instalação do Instituto, apesar de modificar bastante certas áreas, como banheiros e parte de serviço (para a instalação do café), manteve intacta a aparência e os materiais originais de fachada, a que se restringirá o trabalho.

Dentre os principais materiais encontrados temos: mármore (revestindo pisos, colunas, lateral das lajes, topo e lateral das platibandas e compondo todas as aduelas externas e a balaustrada da varanda), argamassa de cimento, revestimento em cantaria, madeira (compondo as esquadrias, venezianas e brises), concreto (lajes e cobogós da varanda), pastilhas cerâmicas (detalhes nas fachadas internas), telhas cerâmicas no telhado e azulejos formando o painel do jardim (fig. 02).

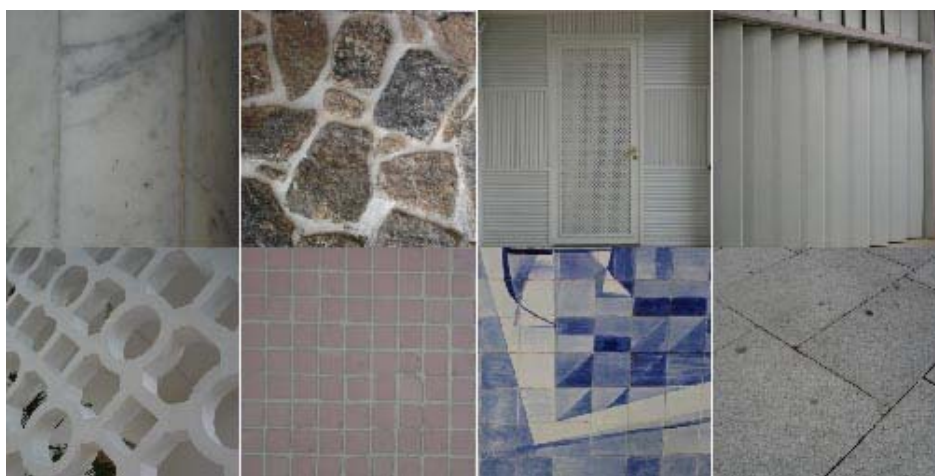


Fig. 02 – Principais materiais encontrados.

A maior preocupação é, sem dúvida, o problema da umidade causada em função do local onde está localizada a residência, sujeito a freqüentes chuvas. Daí o cuidado constante com a manutenção do telhado e das lajes (cuja impermeabilização original teve de ser refeita devido à deficiência deste tipo de recurso na época). As maiores prejudicadas com a chuva são, sem dúvida, as argamassas de revestimento em cimento que compõem tanto as paredes externas quanto da parte inferior das lajes (fig. 03).

³ Cerca de 25 pessoas trabalham na manutenção e limpeza da casa.

⁴ Com exceção dos vidros nas áreas de maior circulação de público, que foram substituídos por vidro laminado por questões de segurança.



Fig. 03 – Laje do jardim e telhado ao fundo.

A utilização da linguagem moderna, com empenas desprovidas de beiral e interseções entre planos de laje e paredes, facilita a deterioração mais rápida dos revestimentos, inclusive das pedras, mesmo que em menor escala. Mesmo com a preocupação do arquiteto em proteger as empenas utilizando chapins em mármore, notamos alguns pontos bastante atingidos pela umidade, além da pigmentação e das rachaduras encontradas na pedra (fig. 04 a 11).



Fig. 04 – Manchas no encontro da laje com a parede em pedra.



Fig. 05 – Rachaduras e manchas escuras no revestimento em mármore carrara.



Fig. 06 – Empena em bom estado de conservação, graças à proteção do contorno saliente em mármore.



Fig. 07 – Manchas verdes na parte mais próxima do rio, na lateral da casa, devido à umidade mais intensa e acúmulo de água.



Fig. 08 – Manchas no mármore e na argamassa, causadas pela incidência de chuva.



Fig. 09 – Início de infiltração na laje sobre a varanda apesar do cuidado constante com a impermeabilização.



Fig. 10 – Manchas no revestimento da parede, em argamassa de cimento. No encontro da laje dos quartos.



Fig. 11 – Manchas na parte superior do anexo da piscina, revestido em mármore branco.

Os elementos em madeira, como as esquadrias e os brises e até mesmo o madeiramento do telhado são em cedro e, graças à qualidade do material empregado, não apresentam grandes problemas desde que se refaça a pintura anualmente, não registrando sequer a infestação por agentes biológicos. Percebemos que na parte voltada para o pátio interno, onde as esquadrias encontram-se em melhor estado, a laje e os pilares avançam sobre o jardim, protegendo-as da incidência direta da chuva. O mesmo ocorre na fachada da ala dos quartos, onde o estado de conservação das esquadrias é muito bom (fig. 12, 13 e 14). Algumas esquadrias, porém, são mais expostas à chuva e, apesar de receberem o mesmo tipo de manutenção, apresentam maior deterioração na pintura, mas ainda sem dano à madeira (fig. 15 e 16).



Fig. 12 – Base da esquadria de acesso ao pátio interno.
Ótimo estado de conservação.



Fig. 13 – Brises, venezianas e esquadrias de acesso ao pátio sob balanço da laje que garante boa proteção à incidência de chuva.



Fig. 14 – Esquadrias da ala dos quartos, também sob uma laje em balanço, mostrando bom estado de conservação.



Fig. 15 – Veneziana junto ao lago.
Deterioração da pintura.



Fig. 16 – Treliça da antiga parte de serviço, apresentando manchas de umidade.

A grande parede vazada da varanda (ver fig. 01) provavelmente em concreto, encontra-se em perfeito estado de conservação, apenas com pequenas fissuras na pintura (fig. 17).



Fig. 17 – Parede vazada. Observe que não há emendas entre as partes.

A parede revestida de azulejos, formando um painel criado por Burle Marx, apesar de não ter perdido ou sofrido nenhuma substituição de peça, apresenta alguns problemas como manchas causadas principalmente pela umidade proveniente da parede e pela própria estrutura da mesma, em alvenaria de tijolos, que produz enormes trincas. Ainda não há recursos necessários para se realizar uma restauração do painel com a confecção de novas peças para a substituição das partes danificadas, mas foi colocada uma nova fiada, no topo da parede, imperceptível aos visitantes, na intenção de impedir uma maior penetração da chuva e diminuindo um pouco a umidade descendente (fig. 18 a 20).



Fig. 18 – Painel de azulejos de Burle Marx.



Fig. 19 – Manchas no painel causadas principalmente pelos tubos por onde sai a água que cai no lago e grandes rachaduras.



Fig. 20 – Topo da parede, onde foi colocada peça para diminuir a infiltração de água.

O piso de mármore, principalmente no hall, área de maior movimentação de pessoas, apresentou-se danificado devido à fragilidade do material. Foi realizado, então, um estucamento, consistindo no preenchimento das fissuras com pó de mármore e cola, de maneira a evitar uma maior deterioração do material (fig. 21).

As colunas, também revestidas em mármore, apresentavam uma pigmentação amarelada que, segundo o arquiteto, seria causada pela incidência da chuva (fig. 22). Nas colunas localizadas na entrada da casa e mais expostas à incidência de chuva, notamos a presença de pinos metálicos, provavelmente utilizados para fixação, que podem ser também responsáveis por algumas das manchas das colunas através da oxidação (fig. 23).



Fig. 21 – Piso em mármore, mostrando o desgaste da pedra.



Fig. 22 – Manchas amareladas no revestimento em mármore carrara da coluna do pátio.



Fig. 23 – Coluna da entrada social, com manchas amareladas e desgaste, mostrando a existência de pino metálico.

As partes onde encontramos revestimento em pastilhas, por estarem localizadas em áreas sem incidência de chuva, apresentam um ótimo estado de conservação, sem quaisquer problemas nos rejunte ou de descolamento (ver fig. 13). Na guarita da entrada, ao contrário, pela maior exposição às intempéries, podemos notar manchas de umidade (inclusive com desprendimento da pintura da laje) com o descolamento de algumas das peças (fig. 24).



Fig. 24 – Guarita de entrada, com descolamento de pastilhas e escurecimento do rejunte.

Os Problemas na Arquitetura da Classe Média

Na tentativa de verificar se os mesmos problemas encontrados no Instituto Moreira Salles se repetem em outros exemplares de arquitetura residencial de linguagem moderna, foram pesquisadas outras residências de caráter menos sofisticado, uma delas localizada no Alto da Boavista e algumas localizadas no Méier.

Na residência do Alto, encontramos o mesmo problema da umidade e das chuvas constantes. No entanto, pela falta do mesmo cuidado com a manutenção, os danos são bem maiores. O revestimento das empenas laterais é sem dúvida a parte mais afetada, pela exposição direta à chuva que causa infiltração e à falta da incidência de sol. Podemos notar, além de algumas recomposições já realizadas, o que leva a crer que houve perda do material, o descolamento da pintura, algumas manchas escuras de umidade e grandes rachaduras horizontais (fig. 25 e 26). Na fachada frontal, na parte inferior da laje que forma o terraço que avança sobre a entrada, podemos notar pontos de infiltração, provavelmente causados por falhas na impermeabilização (fig. 27).



Fig. 25 – Aspecto geral da casa, com pintura do revestimento da empena lateral bastante comprometido em função da umidade.



Fig. 26 – Lateral mostrando rachadura horizontal acima da janela.



Fig. 27 – Parte inferior da laje, mostrando infiltrações causadas por problemas na impermeabilização.

Na fachada frontal, os revestimentos em pastilhas encontram-se muito atingidos pela umidade, que provoca manchas, inclusive nos rejuntamentos, e descolamento de partes. As venezianas em madeira, talvez pela dificuldade de acesso para a manutenção e pela exposição constante à chuva, apresentam-se também bastante deterioradas. As esquadrias em madeira e o revestimento da parede, pelo recuo em relação ao plano inclinado da fachada, apresentam maior facilidade de acesso e, conseqüentemente, manutenção adequada e melhor estado de conservação (fig. 28 e 29).



Fig. 28 – Manchas e rachaduras no revestimento de pastilhas e alto grau de deterioração da veneziana de madeira da parte superior.



Fig. 29 – Manchas nas pastilhas, mas bom estado de conservação da veneziana na parede sob a laje de cobertura.

Ainda no Alto da Boavista, foi feita a tentativa de verificar os problemas na conservação da residência do Dr. Couto e Silva, projeto de Affonso E. Reidy (fig. 30) , mas a casa apresentava-se completamente descaracterizada, com o acréscimo de varandas em madeira e esquadrias originais substituídas por esquadrias de alumínio.

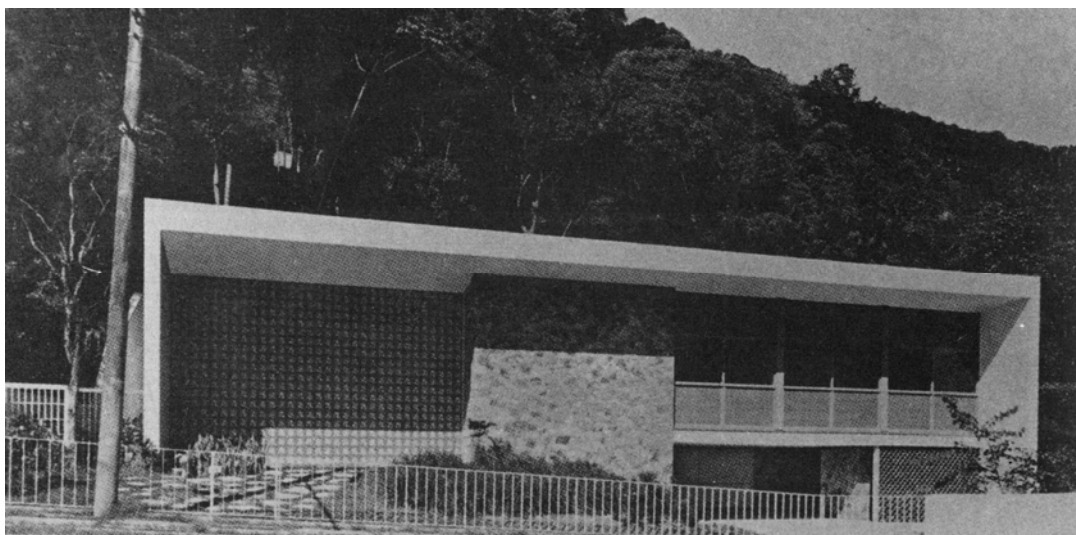


Fig. 30 – Fachada original da casa, construída em meados dos anos 50.

Nas residências localizadas no Méier, o problema da umidade pelo excesso de chuvas do local não é tão intenso quanto nos casos da Gávea ou do Alto. No entanto, os revestimentos da fachada, principalmente as pastilhas, aparecem comprometidos pela incidência direta de chuva, causando pigmentação das peças e dos rejuntas, além de rachaduras e

descolamentos. A argamassa de revestimento da empena lateral encontra-se bastante prejudicada, com rachaduras horizontais e manchas escuras de umidade. As esquadrias e venezianas de madeira apresentam bom estado de conservação (fig. 31 e 32).



Fig. 31 – Parte da empena lateral, mostrando partes escurecidas por umidade e escurecimento das pastilhas.



Fig. 32 – Manchas nas pastilhas mas bom estado de conservação das venezianas de madeira.

Neste segundo exemplo, os principais problemas são com os revestimentos em pastilhas também atacados pela umidade. Notamos a substituição da esquadria original, provavelmente em madeira, por uma mais recente em alumínio, que dispensa os cuidados com a manutenção da pintura. (fig. 33 e 34).



Fig. 33 – Escurecimento das pastilhas na parte inferior da platibanda e janela em alumínio.



Fig. 34 – Descolamento de pastilhas e manchas.

Um último exemplo, com revestimentos externos bastante bem conservados, onde encontramos o painel de azulejos em melhor localização, protegido da chuva. No entanto, apresenta esquadrias novas, em alumínio, em substituição às originais, em madeira (fig. 35).



Fig. 35 – Bom estado de conservação dos revestimentos.

Comparação de Resultados

Dentre os exemplos analisados, encontramos uma grande diferença no cuidado com a concepção dos projetos (quando existiram) e na qualidade dos materiais empregados. A linguagem moderna, com sua ausência de elementos decorativos e a simplificação dos volumes, acaba por eliminar as proteções contra a incidência direta de chuva, comprometendo os materiais de revestimento. No caso do Instituto Moreira Salles, o cuidado do arquiteto no uso de mármore nas platibandas minimizou os danos nas argamassas de revestimento, mas não o suficiente para evitar que, em alguns locais mais críticos se desenvolvessem manchas escuras. No caso das residências populares, o uso de pastilhas nas partes mais salientes das fachadas não parece ter sido uma boa solução, pois a incidência de chuva sobre este tipo de revestimento, aliada à falta de tecnologia e de materiais mais eficientes de colocação das mesmas na época, acabam por causar escurecimento das peças e dos rejuntes, causando, inclusive, rachaduras e perda de material. Como a ocupação do lote nestes casos se dá mais intensamente, uma vez que os lotes são menores e a casa é implantada colada às divisas, temos um abandono maior das empenas, que apresentam mais freqüentemente um alto grau de deterioração.

O uso de lajes impermeabilizadas constitui, também, um problema comum, pois acabam por causar infiltrações.

E, finalmente, as esquadrias em madeira, que também se apresentam dependentes de um cuidado especial com a manutenção, com a aplicação constante de produtos para tratamento contra cupins e pintura para evitar os danos causados pela umidade. Notamos que a substituição por esquadrias de alumínio é bem constante, apesar de descaracterizar a aparência da casa.

Conclusões

Podemos concluir, a partir dos casos estudados, que os principais problemas que atacam este tipo de residência, são devidos à suposta funcionalidade da linguagem moderna que, na tentativa de simplificar as fachadas, esqueceu-se de um dos maiores problemas do nosso clima tropical, a chuva. O excesso de purismo formal, mesmo nos casos onde houve um maior cuidado e recurso na escolha dos materiais, acabou por comprometer a conservação destas residências, com problemas que já haviam sido entendidos e minimizados em épocas anteriores da nossa história. A falta de informação e de preocupação da maioria dos proprietários em manter a linguagem original da casa acaba por originar intervenções desagradáveis, como no caso da residência de Affonso E. Reidy no Alto da Boavista, onde as substituições que visavam à obtenção de uma funcionalidade real, acabaram por descaracterizar completamente o imóvel.

Referências Bibliográficas

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Quando o Brasil Era Moderno / Artes Plásticas no Rio de Janeiro 1905-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CINCOTTO, Maria Alba. **Patologia das Argamassas de Revestimento – Análise e Recomendações**. São Paulo: IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, 1983.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano / IPHAN, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: O ano que não devia terminar**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

XAVIER, Alberto, BRITO, Alfredo, NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: PINI: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: RIOARTE, 1991.

Créditos das Imagens

Figura 01: MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. p. 69.

Figura 30: XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. p. 87.

Demais imagens do arquivo pessoal da autora.